

14 MAI 1990

Médicos e Curandeiros

JORNAL DO BRASIL

Doenças continuam a morrer nas filas dos hospitais e até crianças morrem por recusa de atendimento, caracterizando a gravidade da crise da medicina brasileira. É uma crise com raízes profundas alimentada anos a fio pelo descaso com a vida humana. Uma outra crise, a da ética médica, instalou-se nos corredores dos hospitais. Como mudar o rumo desta situação?

O ministro da Saúde, que deseja lancetar o tumor denunciando a crise gerencial dos hospitais e provocando a abstinência dos médicos que alegam salário baixo para justificar suas faltas ao trabalho, deixou claro que se os médicos continuarem a agir da mesma maneira, em nome do corporativismo e do absenteísmo, perderão a última grande chance de mudar o sistema de saúde no Brasil.

Os médicos que não trabalham, responsáveis por omissões que redundam em mortes, representam o último elo de uma cadeia de erros que começa nos bancos da faculdade, continua no sistema de residência médica e acaba no espetáculo público de negligência. Bons profissionais são confundidos na ciranda da incompetência pública.

As deficiências do ensino e da prática (a residência) geraram médicos malpreparados e mal-informados que provam a tese de que um médico incompleto é pior do que um curandeiro, porque pelo menos o curandeiro conhece as ervas de que se utiliza, enquanto o médico incompleto não conhece nada. Tal tem sido a tendência da residência médica no Brasil, criada em 1945 como um estágio de aprendizado de pós-graduação, para complementar o deficiente ensino da medicina mas que acabou, por uma destas deturpações nacionais tão características, servindo de exploração de mão-deobra barata, farta e qualificada.

A um ensino de medicina curto (seis anos de faculdade, contra nove nos EUA), segue-se portanto uma residência que arca com boa parte do trabalho pesado nos hospitais por omissão dos médicos que se multiplicam em empregos onde nada fazem. Tornou-se comercializada uma atividade que basicamente depende de muita dedicação. Sendo a residência um pré-requisito essencial para o mestrado e o doutorado, assumiu-se no

Brasil o risco da formação deficiente de profissionais, professores e pesquisadores sem uma visão geral, com reflexos negativos até na estruturação do currículo médico e na formação de graduados.

Formou-se novo círculo vicioso, de que o Brasil é tão pródigo. A grande maioria dos jovens ingressa na prática diária da vida médica aprendendo à custa de "ensaio e erro", isto é, à custa dos pacientes. Com os mais velhos aprende ainda por cima o desprezo pela ética, o grevismo e a falta de empenho profissional. A parte pesada desta deformação recai sobre a população pobre, obrigada a penar em filas dramáticas à porta de hospitais onde periodicamente pessoas morrem por falta de assistência.

Os residentes, por omissão dos médicos antigos, são diariamente jogados às feras nesta batalha inglória que é a luta pela saúde no Brasil. Nos poucos decênios de sua existência os residentes se mostraram os dignos representantes de um sistema educacional que adotou a múltipla escolha até no pré-primário; para chegar à residência médica, criou-se um segundo vestibular que gerou até cursinhos especializados. O que deveria ser apenas um estágio para aprendizado prático se transformou em carreira paralela.

As mortes sucessivas nas portas dos hospitais representam a face mais desumana de um sistema de saúde tão ruim e caótico que, conforme salientou o ministro Alceni Guerra, as doenças terceiro-mundistas como a malária, a tuberculose e a esquistossomose voltaram a crescer, sem falar na AIDS, no câncer e nos traumas físicos provocados por acidentes nas grandes cidades.

Chegou-se a um ponto de saturação, em que os médicos, além de não cumprirem seu horário de trabalho, estimulam as greves periódicas que desorganizam ainda mais o sistema e ensinam aos seus residentes, hoje agrupados em sólidas associações reivindicativas, que eles serão os médicos de amanhã que descarregarão sobre os futuros residentes o trabalho que se recusam a fazer. A medicina assim só vai piorar, se é que ela pode ser pior do que já é.